

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Dúvidas de candidato

Perderá tempo quem tentar puxar assunto com o presidente da República e, na suposição de que está sendo gentil, quiser saber dele detalhes sobre sua campanha eleitoral a um segundo mandato. Além de acoplar sempre um regulamentar e algo sarcástico "se" até à hipótese de vir a concorrer, Fernando Henrique Cardoso avisa: "Quanto mais tarde tratar desse assunto, para mim será melhor. Aliás, não tenho nada para tratar nem agora nem depois."

Pelo simples fato de que o presidente acha que campanha hoje em dia, e ainda mais para uma reeleição, se dá através do horário eleitoral gratuito. "As coisas acontecem quando começa a campanha pela televisão, antes disso é bobagem." Essa certeza, no entanto, não o livra da perturbação de algumas dúvidas existenciais a respeito de como deve se comportar um candidato-presidente.

Sua intuição indica hoje, por exemplo, que quanto menos movimentação fizer, melhor. Enquanto as regras eleitorais restritivas aos governantes em campanha no exercício do mandato não entram em vigor, governa normalmente. Depois disso, no segundo semestre, Fernando Henrique dá a impressão de que se guiará pelo prudente lema segundo o qual em boca fechada não entra mosca.

Não está nem um pouco disposto a se expor à discussão sobre uso de máquina administrativa. "Alguma viagem talvez eu tenha de fazer", imagina. Mas não pretende, pelo menos por enquanto, ficar para cima e para baixo, dando chance ao adversário de carimbar qualquer ação como manipulação eleitoral do governo.

Fernando Henrique também começa a formar a convicção íntima de que o eleitorado não gostaria de ver o presidente da República metido em embates eleitorais, como os outros candidatos, mortais comuns.

Tem medo de vir a vulgarizar o exercício do cargo. "Quando você é só candidato pode fazer comício, gritar, entrar em embates, responder, o que bem quiser. Mas como presidente tenho dúvida se o eleitorado aprovaria esse tipo de atitude."

De qualquer forma, diz que ainda não tem certeza. O que sempre pode fazer parte da tática do despiste, já que assegura também não saber ainda quem será o comandante de sua campanha. "Não tenho de tratar disso agora e também não estou certo se terei de tratar em algum momento."

Um ponto, no entanto, não está em discussão: o nome do candidato a vice. É Marco Maciel e isso está certo. "Podem esquecer essa questão", aconselha.

O presidente sabe, no entanto, que o PMDB pode vir a tentar uma pressão por aí, mas antecipa que será inútil. Da mesma forma como adianta que quaisquer outras pressões no sentido de negociar, agora, a distribuição partidária do poder no segundo governo, "se" houver. "O PMDB ou qualquer outro pode querer qualquer coisa, mas só vou pensar no assunto depois do resultado da eleição."

Calouro

Fernando Henrique teve certeza absoluta de que Itamar Franco não seria candidato a presidente ou a governador de Minas no dia em que o ex-presidente entrou no PMDB. É que pela própria conformação do partido, quem quiser ser alguma coisa nele tem de suar a camisa, batalhar, brigar, conceder, virar e mexer. "E o Itamar não faz esse estilo", diz o presidente.

Ele não revela para qual posto seu atual embaixador na OEA irá depois de deixar Washington. Mas aposta que Itamar fica mesmo na carreira diplomática: "Ele agora vai entrar para o Instituto Rio Branco", desconversa, na base da ironia, quando o interlocutor pergunta se, como andam falando no Itamarati, Itamar vai mesmo para a embaixada em Roma.

O predileto

Hoje, na opinião do presidente, o nome ideal para substituir o senador Teotônio Vilela Filho na presidência do PSDB seria o governador do Ceará, Tasso Jereissati. Ele fala também em José Serra, que não quer. Acha que Sérgio Motta poderia ser perfeito, mas antes precisaria concordar em deixar o Ministério das Comunicações, coisa que não parece fazer parte dos planos do ministro.

No domingo, por exemplo, Motta teve um despacho de nove horas com Fernando Henrique no Palácio da Alvorada e gastou cinco falando só a respeito de projetos do ministério, lendo relatórios, defendendo idéias com um entusiasmo pelo assunto nem sempre correspondido pelo presidente, em matéria de interesse técnico.

Além disso, FH acha que agora Sérgio Motta deve dar prioridade à saúde - "ele está muito bem, é uma fortaleza, mas não seria prudente ficar viajando sem parar correndo o país, resolvendo todos os problemas de que deve tratar o presidente do partido".

Fernando Henrique concorda que seria bom mudar o comando do partido mas, se Tasso não quiser, ele pergunta: "Quem?"

E diagnostica: "O problema é que nós que formulamos e criamos o partido, estamos todos fora."